



REDE  
TEMPO  
BRASIL



Boletim do Tempo Presente - ISSN 1981-3384

## **A literatura como recurso no trabalho com a história do Holocausto nos anos iniciais do ensino fundamental**

---

Luzilete Falavinha Ramos<sup>I</sup>  
Elisa Maria Dalla-Bona<sup>II</sup>

**Resumo:** Em Curitiba (Brasil), o Plano Municipal de Educação determina que os projetos pedagógicos das escolas contemplem o trabalho com Direitos Humanos, de forma a promover o debate sobre a justiça social, a inclusão, a prevenção à violência. Neste contexto, na Escola Municipal Issa Nacli foram desenvolvidas, com estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental, ações pedagógicas sobre o Holocausto. Neste artigo, são relatadas algumas dessas práticas pautadas em histórias de testemunho de crianças vítimas do nazismo.

**Palavras-chave:** literatura; Holocausto; ensino fundamental.

## **Literature as a resource in working with the history of the Holocaust in the early years of elementary school**

**Abstract:** In Curitiba (Brazil), the Municipal Education Plan determines that the pedagogical projects of schools include work with Human Rights, in order to promote the debate on social justice, inclusion, and violence prevention. In this context, at Issa Nacli Municipal School, pedagogical actions on the Holocaust were developed with students from the early years of elementary school. This article reports some of these practices based on the testimony of child victims of Nazism.

**Keywords:** literature; Holocaust; elementary school.

## A LITERATURA COMO RECURSO NO TRABALHO COM A HISTÓRIA DO HOLOCAUSTO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

RAMOS, L. F.

DALLA-BONA, E. M.

### Introdução

Em 2013, chega às escolas de Ensino Fundamental (anos iniciais e finais) da Rede Municipal de Ensino de Curitiba (RME) o projeto de Educação em Direitos Humanos, apoiado nas Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos<sup>III</sup> homologadas pelo Ministério da Educação no ano anterior.

Com a aprovação do Plano Municipal de Educação, em 2015, a Educação em Direitos Humanos (EDH) torna-se tema a ser obrigatoriamente assegurado nos projetos pedagógicos das escolas, que serão precursoras na promoção do debate sobre a justiça social, a inclusão, a prevenção à violência.

É no ano de 2016 que a EDH se consolida ao passar a compor o currículo do município como tema integrador e transversal com o título de Direitos Humanos e Cidadania focado na metodologia de projetos.

Para isso, os temas trabalhados envolvem conhecimentos sobre direitos fundamentais, enfrentamento ao preconceito e à discriminação, reconhecimento e valorização da diversidade étnico-racial, cultural e religiosa, de identidade de gênero, de orientação sexual, entre outras, enfocando a promoção, proteção, defesa e reparação dos direitos humanos. Assim, a noção de dignidade humana deve perpassar todo o processo educativo. A utilização de metodologias ativas e participativas, o emprego de diferentes linguagens, o diálogo entre os conhecimentos próprios e o saber escolar são componentes presentes ao longo de todo o processo que tem como referência fundamental a realidade social, cultural, política e as experiências dos(as) educandos(as), relacionadas às violações ou à defesa dos direitos humanos. Essas metodologias objetivam transformar conceitos, atitudes, comportamentos, dinâmicas organizacionais, práticas cotidianas, individuais e coletivas dos diferentes sujeitos e das organizações sociais e educativas, além de propiciar experiências em que se vivenciem os direitos humanos. A educação em direitos humanos contribui para que os(as) educandos(as) assumam suas responsabilidades enquanto cidadãos e cidadãs, promovendo o respeito entre as pessoas e suas diferenças, fazendo com que reconheçam e defendam seus direitos e os direitos dos outros.<sup>IV</sup>

A Gerência de Educação em Direitos Humanos da Secretaria Municipal de Educação (SME), numa tentativa de tornar o trabalho com a EDH mais dialógico com os contextos sociais nacionais e locais, em 2017 define eixos a serem trabalhados pelas escolas: história e cultura africana e afro-brasileira; história e cultura indígena; relações de gênero; cidadania (Direitos das Crianças e dos Adolescentes – ECA e direitos dos idosos - Estatuto do Idoso); prevenção às violências (como bullying, drogas etc.); combate à pobreza e desigualdade social.

Nesse contexto, um grupo de professoras de uma escola municipal de Curitiba, a partir de 2009, elegeu a história do Holocausto como tema gerador para a implementação da EDH, que dada sua importância e transversalidade foi sendo compreendida pela comunidade escolar e passando do nível do discurso para práticas pedagógicas efetivas que de fato integrassem essa temática ao conteúdo das disciplinas.

Nesse artigo, serão relatadas as ações concernentes ao projeto com o Holocausto, os desafios impostos pelo tema, a falta de materiais que tratem o assunto de forma adequada para estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental e o uso da literatura como fonte histórica. De acordo com Saraiva e Mügge<sup>V</sup>, mesmo quando o texto é fictício ele não perde sua relação

## A LITERATURA COMO RECURSO NO TRABALHO COM A HISTÓRIA DO HOLOCAUSTO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

RAMOS, L. F.

DALLA-BONA, E. M.

com o real, nem com o presente histórico que interfere tanto no momento da produção como no momento da recepção, dando forma concreta a sentimentos, dilemas, angústias e sonhos, por meio de representações simbólicas criadas pela imaginação. Por isso, o caso estudado traz práticas pedagógicas que partem da literatura (seja ela de testemunho ou ficcional) para contextualizar o fato histórico (Holocausto) e a partir dele desenvolver atividades relacionadas a EDH. Isso significa dizer que a partir da literatura selecionada, os estudantes não entram em contato somente com o fato histórico, mas para além dele, se deparam com personagens e fatos que despertam sentimentos, que ora se aproximam e ora se afastam de sua própria realidade, que trazem à tona angústias e inquietações desencadeando um processo de empatia histórica que pode refletir em maior ou menor grau numa educação para a alteridade.

### **Borboletas não vivem no gueto**

A SME realizou Jornadas Interdisciplinares sobre o ensino da história do Holocausto nos anos de 2008, 2009, 2010 e 2014, em parcerias com o Laboratório de Estudos sobre Etnicidade, Racismo e Discriminação (LEER) da Universidade de São Paulo (USP), a B'nai B'rith (organização não governamental internacional que trabalha em prol dos direitos humanos, do respeito à diversidade étnica, cultural, religiosa e social) e a Universidade Federal do Paraná (UFPR). As Jornadas consistiram na formação de professores da RME sobre as possibilidades para o ensino da história do Holocausto. As formações duravam cerca de dois dias inteiros e, ao final, era apresentado aos professores um concurso que consistia na elaboração e aplicação de uma proposta de aula sobre o Holocausto e a produção de uma redação pelos alunos. Nesse concurso, eram premiadas as três melhores redações de estudantes dos anos iniciais e as três melhores dos anos finais do ensino fundamental, bem como os professores responsáveis pelo trabalho e as escolas de onde eram oriundos os estudantes premiados.

Destacamos o trabalho desenvolvido pela escola Issa Nacli, em 2009, que foi premiado pelo pioneirismo do seu projeto com crianças do 1º ano, com idades entre 5 e 6 anos. Segundo registros da professora responsável, esse trabalho partiu do poema *A borboleta* e teve por finalidade explicar para os estudantes o que foi o Holocausto na história da humanidade, contado a partir do olhar de crianças que viveram esse período da história. O poema escolhido é de autoria de Pavel Friedman, uma dentre as 15 mil crianças e jovens que estiveram confinados no campo de trânsito de Terezin, na República Tcheca, durante a Segunda Guerra Mundial. Ele compõe o livro *I never saw another butterfly*<sup>VI</sup> uma coletânea de desenhos e poemas produzidos por essas crianças e jovens entre os anos de 1942 e 1944.

A borboleta  
(Pavel Friedmann, 4/6/1942)

Nunca mais vi outra borboleta. . .  
A última, mais do que última borboleta.  
Cheia de vida e brilho, cheia de encanto amarelo.  
...Lágrimas cantantes que o sol deixou escorrer sobre a pedra branca...  
Estonteantemente amarela.  
Sem hesitar foi carregada para o alto  
Foi porque desejava beijar o mundo pela última vez.  
Há sete semanas eu vivo aqui.

## A LITERATURA COMO RECURSO NO TRABALHO COM A HISTÓRIA DO HOLOCAUSTO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

RAMOS, L. F.

DALLA-BONA, E. M.

Dentro desse gueto.  
Aqui encontrei minha gente.  
As flores à distância me chamam.  
Juntamente com os galhos floridos das castanheiras no campo  
Eu nunca mais vi outra borboleta.  
Aquela borboleta foi a última  
Borboletas não vivem no gueto

Depois de ouvirem a leitura do poema feita pela professora, os estudantes foram convidados a desenhar como imaginavam a “estonteante borboleta amarela” citada no poema. O resultado dessa proposição é o que se observa na Figura 1.

**Figura 1.** Desenhos de borboletas amarelas produzidos pelos estudantes a partir da descrição contida no poema



**Fonte:** arquivo pessoal da professora, ano 2010.

Os trabalhos com o poema seguiram com o objetivo de relacionar algumas descrições contidas nele às situações cotidianas vividas pelas crianças no contexto do Holocausto. O trabalho com o significado da palavra gueto favoreceu o entendimento dos estudantes quanto ao local onde Pavel se encontrava. A expressão “aqui encontrei minha gente” permitiu a discussão sobre quem eram as pessoas perseguidas e confinadas em guetos pelo regime Nazista. A contagem do tempo encontrada no verso “há sete semanas eu vivo aqui” serviu para diferenciar um campo de trânsito de um campo de trabalho e a própria narrativa da borboleta que voou para o campo e que remete ao desejo da liberdade que fora tolhido das pessoas confinadas em guetos, campos, esconderijos.

Em grupos, produziram ilustrações para as estrofes do poema e montaram um livro com o texto e suas ilustrações, conforme registrado na Figura 2. A escolha do recurso da colagem para ilustrar o poema foi uma referência à técnica artística desenvolvida clandestinamente com as crianças que usavam retalhos de papel em suas produções. Eram crianças confinadas em Terezin, na maioria das vezes, sob a orientação de Friedl Bradeis que “queria que suas aulas ajudassem as crianças a esquecer toda a brutalidade que as cercava, pelo menos por um tempo.”<sup>VII</sup>

## A LITERATURA COMO RECURSO NO TRABALHO COM A HISTÓRIA DO HOLOCAUSTO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

RAMOS, L. F.

DALLA-BONA, E. M.

**Figura 2.** Crianças compondo com colagem as ilustrações para as estrofes do poema “A Borboleta”



Fonte: arquivo pessoal da professora, 2009.

A professora também leu para seus alunos a obra literária *A mala de Hana uma história real*<sup>VIII</sup>. Trata-se da história de Hana Brady, uma criança que junto com seu irmão George ficou confinada no campo de Terezin.

A metodologia de ensino adotada pela professora se apoiou em uma forma nova de ensinar sobre o Holocausto apresentada por Yehuda Bauer, professor emérito da Universidade Hebraica de Jerusalém e Conselheiro Acadêmico do Yad Vashem, órgão responsável pela memória dos mártires e heróis do Holocausto que tem o papel de documentar a história do povo judeu durante o período do Holocausto. A metodologia está pautada no testemunho da vítima, o foco está nas histórias pessoais de quem viveu o fenômeno contribuindo para que os estudantes e pesquisadores percebam a diversidade de experiências vividas nessa época e as várias formas de compreender o Holocausto, tirando-o da generalidade e observando-o nas suas especificidades. Ao se propor uma nova forma de pesquisar e ensinar sobre o Holocausto a partir de histórias pessoais, se possibilita a personificação da história deixando de lado a representação numérica de seis milhões e passando aos nomes e rostos dessas vítimas contidos em suas trajetórias de vida basicamente divididas em antes, durante e depois do Holocausto (sendo essa última parte relacionada aos sobreviventes). Para os defensores dessa nova proposta, é justamente a personificação que promove a empatia histórica do pesquisador e do estudante tornando significativo o estudo do fenômeno.

O livro escolhido pela professora, além de ser o relato pessoal de uma criança, o que de alguma forma aproximou seus estudantes da história, também está narrado na perspectiva do antes, do durante e do depois. Isso permitiu aos estudantes conhecerem a Hana para além da visão de uma das vítimas do Holocausto, mas sim como uma criança que, como eles, tinha uma família, estudava, brincava, tinha amigos, entre outras características que promoveram a aproximação dos estudantes com a personagem. De modo geral o livro conta uma história que reúne passado e presente, em que um grupo de estudantes japoneses decidem investigar quem foi Hana Brady ao se depararem, numa exposição, com uma mala antiga que trazia esse nome escrito com tinta branca do lado de fora. A professora desse grupo de estudantes japoneses inicia uma grande pesquisa e vai aos poucos revelando quem é a menina. Assim o livro conta

## A LITERATURA COMO RECURSO NO TRABALHO COM A HISTÓRIA DO HOLOCAUSTO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

RAMOS, L. F.

DALLA-BONA, E. M.

duas histórias paralelas: no presente, as investigações da professora Fumiko Ishioka e, no passado, a vida de Hana.

A leitura feita pela professora consistiu em capítulos, nos quais a cada dia uma parte da história era contada e aos poucos, sem qualquer obrigatoriedade de se desenvolver uma atividade a seguir, apenas leitura de fruição. Esse era o momento no qual os estudantes faziam relação entre o que estavam ouvindo e as informações que já tinham sobre o que foi o Holocausto, sobre o campo de Terezin, sobre as crianças confinadas nesse campo. Essas informações, adquiridas num primeiro momento pelo trabalho com o poema de Pavel Friedmann, favoreciam o entendimento da narrativa, davam significado a história e os aproximava da personagem.

Essa experiência permitiu observar que a obra escolhida, embora indicada para estudantes mais velhos, foi muito bem recebida pelas crianças que com a mediação da professora compreenderam seu conteúdo com tranquilidade. O interesse deles por essa literatura esteve expresso no ato de ouvir a história lida, também nas conversas iniciadas ao fim de cada leitura, no desejo de manusear o livro e na pseudoleitura conforme demonstrado na Figura 3.

**Figura 3.** Crianças manuseando o livro *A Mala de Hana*



**Fonte:** arquivo pessoal da professora, 2010.

O projeto aqui descrito fez uso de outros recursos, além da literatura, para tornar o ensino da história do Holocausto significativo para os estudantes. Um exemplo disso foi a projeção da propaganda nazista *Adolf Hitler gives the Jews a city*<sup>IX</sup> como recurso para mostrar o campo de Terezin facilitando a referência visual daquilo que é narrado na história ouvida. A propaganda trata de uma produção nazista feita no campo por ocasião da visita da Cruz Vermelha, onde os atores eram os próprios prisioneiros.

Uma das alunas ao assistir trechos da propaganda reagiu dizendo que dava para perceber que as pessoas no vídeo se tratava de prisioneiros porque estavam muito magras. Quando questionada sobre como chegou a essa constatação, ela relatou informações contidas em narrativas literárias trabalhadas, como a *Mala de Hana*, por exemplo, referentes à “ração humana” que era distribuída aos prisioneiros e que não supriam suas necessidades calóricas diárias.

## A LITERATURA COMO RECURSO NO TRABALHO COM A HISTÓRIA DO HOLOCAUSTO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

RAMOS, L. F.

DALLA-BONA, E. M.

Hana logo soube que os idosos em Theresienstadt eram os que recebiam as menores porções de comida. A comida que sua avó recebia nunca era suficiente para matar a fome e estava sempre cheia de bichos.<sup>X</sup>

O homem que distribuía os cupons de alimentação também gostou de Hana e se preocupava com sua saúde. Ele sabia que Hana estava sempre com fome. Ele se prontificou a “roubar” alguns cupons extras – uma tigela a mais de sopa aguada ou uma fatia a mais de pão preto. O estômago de Hana roncava e sua boca salivava com a perspectiva de mais comida. Mas toda vez que mais comida lhe era oferecida, ela educadamente recusava. Tinha sido avisada por Ella e pelas meninas mais velhas que estaria em maus lençóis se os guardas a pegassem infringindo uma regra.<sup>XI</sup>

Nota-se que a potência das atividades propostas viabilizou a interpretação, a imersão dos estudantes no tema, na perspectiva indicada por Petit<sup>XII</sup> ao tratar da relevância da presença da literatura na vida das pessoas: a literatura “oferece um suporte excepcional para reanimar a interioridade, mover o pensamento, reanimar uma atividade de construção de sentidos, de simbolização, suscitar às vezes colaborações inéditas.”<sup>XIII</sup> A literatura foi um importante disparador não só para aproximar os estudantes do tema trabalhado e favorecer as discussões acerca dos Direitos Humanos, mas ela permitiu “entrar na pele”, ter acesso àquilo que aqueles judeus e nazistas “experimentaram, sonharam, temeram e conceberam, mesmo que vivam em meios inteiramente diferentes”.<sup>XIV</sup>

Michèle Petit<sup>XV</sup> transcreve trechos da fala de uma estudante a propósito de sua leitura de um texto literário que se passava na Segunda Guerra Mundial comparado com as aulas de História.

"Nós estudamos [a guerra] na aula de História, mas nunca é a mesma coisa. Aprendemos sobre as consequências demográficas, mas é difícil entender quando não se viveu aquilo. Porque, nesse caso, eu tinha a impressão de estar vivendo a história, com aquelas pessoas. É meio abstrato quando o professor diz: 'Então, teve cem mil mortos'. Anotamos o número e pronto. Quando li o livro, pensei comigo: como eles podem ter vivido isso tudo..."<sup>XVI</sup>

A conclusão é a de que a literatura toca de forma indelével, ela humaniza, propicia o conhecimento de si mesmo e dos outros, o que parece ter ocorrido com os jovens estudantes do 1º ano.

### **O que você colocaria em uma mala se tivesse que partir às pressas para um local desconhecido?**

Como já mencionado, após o ano de 2013 as escolas da Rede Municipal de Ensino de Curitiba passam a adotar em seus Projetos Políticos Pedagógicos a EDH como uma prática curricular transversal. Por se tratar de uma proposta transversal, a EDH não pode e nem deve ser desenvolvida como algo à parte das atividades cotidianas escolares dos estudantes. Assim, as práticas que fizeram uso do Holocausto como tema gerador e que foram investigadas nessa pesquisa apresentam caráter inter e transdisciplinar buscando trabalhar a EDH de maneira transversal nos conteúdos previstos.

No ano de 2017, numa tentativa de garantir que a EDH acontecesse de forma efetiva, a equipe pedagógico-administrativa delimitou um tema de trabalho que se subdividiu em temas menores correspondentes a cada turma. O tema eleito foi “As Regiões Brasileiras”, em que

## A LITERATURA COMO RECURSO NO TRABALHO COM A HISTÓRIA DO HOLOCAUSTO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

RAMOS, L. F.

DALLA-BONA, E. M.

cada etapa (educação infantil, 1º ano, 2º ano, 3º ano, 4º ano e 5º ano) ficou responsável por trabalhar questões que ferem os Direitos Humanos em cada uma das regiões do país. No caso dos primeiros anos e da turma de educação infantil, a região eleita foi a Sul e os temas a serem abordados referiam-se ao grande número de grupos neonazistas presentes nos três estados dessa região e também a sua grande concentração de idosos. Houve necessidade de se trabalhar com o que foi o nazismo e suas consequências (dentre elas, o Holocausto) e assim chegar ao que é hoje o neonazismo presente na sociedade local.

As professoras regentes dos três primeiros anos se deparam com a falta de material adequado para a faixa etária com a qual atuavam (anos iniciais do Ensino Fundamental). Embora esse tema seja amplamente divulgado em livros literários, filmes, jogos eletrônicos, séries, documentários, pesquisas e até tenham alguma referência nos livros didáticos de história, quando se trata de sua adequação para estudantes no início da escolarização é raro encontrá-los.

Diante dessa escassez, restou às professoras selecionar algumas obras literárias indicadas para os maiores. Consideraram que se tratava apenas de leitores que não tem as mesmas interrogações sobre o sentido do mundo que os adultos, que não tem também a mesma experiência com a linguagem<sup>XVII</sup>, mas com a mediação das professoras poderiam interpretar uma história que lhes contassem, ler as ilustrações, afinal, é papel da escola ensinar os jovens leitores a construir sentidos e caminhar pelos meandros argumentativos e persuasivos do texto literário.

Nesse caso, a literatura se apresentou de duas formas: como uma fonte histórica e como literatura de testemunho. De acordo com Cooper<sup>XVIII</sup> as fontes históricas são quaisquer traços do passado que permanecem, podendo ser escritas, visuais, orais, artefatos, sítios e prédios. Dentro das fontes escritas, a autora apresenta a literatura como um exemplo. Segundo Maciel<sup>XIX</sup>, a literatura de testemunho é um tipo de narrativa que pode ser entendida como uma forma de recriação de mundos baseados em experiências memorialísticas de sujeitos que vivenciaram, de alguma forma, um evento histórico. O testemunho é uma possibilidade de apresentar relatos com um peso traumático e inarrável, levantando questões e dando voz às narrativas de minorias, de sobreviventes do Holocausto e de outras formas de genocídio, repressão e violação dos direitos humanos, mas é preciso também considerar que o testemunho não deve ser entendido como a realidade pura e simples<sup>XX</sup>.

A escolha por esse tipo de literatura pelas professoras se deu no intuito de personalizar as vítimas, ou seja, ao invés de generalizar os números do Holocausto elas optaram por trabalhar com narrativas de crianças reais que viveram nesse período histórico e cujos testemunhos trazem seus nomes, suas famílias, sua vida cotidiana antes do fato ocorrido, suas experiências e vivências durante o Holocausto e também os fatos que aconteceram após o final desse fenômeno. Isto significa que normalmente se opta por relatos pessoais com o objetivo de causar uma empatia histórica nos pequenos leitores favorecendo a imersão no fato histórico. Ou seja, quando os estudantes se deparam com as personagens, seu cotidiano, seus gostos, seus medos, seus sonhos, seus amigos, sua família eles vão se aproximando e se identificando com ela. Identificação essa que se dá, não em sua totalidade, mas em alguns aspectos como o fato de irem à escola como algumas personagens também iam, ou de também terem um brinquedo/brincadeira preferida, de ter amigos, dentre outros. Da mesma forma, existem os aspectos que se diferem e que causam certo estranhamento num primeiro momento, logo se tornam curiosidade e instigam a conhecer mais, como por exemplo, os nomes de alguns alimentos da região onde vive uma personagem, ou de festas próprias da sua



## A LITERATURA COMO RECURSO NO TRABALHO COM A HISTÓRIA DO HOLOCAUSTO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

RAMOS, L. F.

DALLA-BONA, E. M.

religião e cultura. Uma vez estabelecida essa empatia histórica, há então uma facilidade de se trabalhar com o tema proposto porque esta passa a ter sentido para os estudantes.

A escolha pela literatura de testemunho feita pelas professoras está pautada na proposta de ensino da International School for Holocaust Studies do Yad Vashem, que propõe o ensino do Holocausto a partir de narrativas pessoais por acreditar que essas são capazes de causar alguma empatia. Para Schurster e Leite<sup>XXI</sup>, que avaliaram alguns dos materiais didáticos produzidos pela instituição, frutos da memória dos sobreviventes e destinados ao ensino do Holocausto para crianças e jovens, os personagens das histórias são apresentados “como indivíduos comuns, *ordinary people*, podendo ser qualquer um de nós ou mesmo as crianças da escola que estarão lendo o livro como um material de ensino e discussão”<sup>XXII</sup>. Os autores seguem afirmando que “para o Yad Vashem, o reconhecimento do outro como parte de si é uma das principais maneiras de se ensinar o holocausto”<sup>XXIII</sup>. Além disso, a instituição orienta que essas narrativas devem seguir a ordem cronológica do antes, durante e depois do Holocausto, fortalecendo ainda mais a ideia de que as pessoas retratadas nas histórias eram comuns. No caso das crianças, tinham uma vida muito parecida com aquelas que ouvem a história. A ordem cronológica permite aos leitores compreenderem com mais clareza as mudanças que foram ocorrendo e transformando a vida ordinária em algo perigoso.

Na proposta de ensino da International School for Holocaust Studies, sugerem que o trabalho com crianças menores seja feito preferencialmente com narrativas de sobreviventes, motivados pelo possível impacto nas crianças com a questão da morte daqueles que não sobreviveram. Na escola Issa Nacli, as professoras apontam que no contexto em que os estudantes estavam inseridos, a questão da morte era um tema comum seja pelos noticiários que acompanhavam na mídia, pelos filmes que assistiam, ou até mesmo pela perda de seus familiares e de animais de estimação, de modo que a utilização das obras com testemunhos de vítimas do Holocausto não provocou estranhamento.

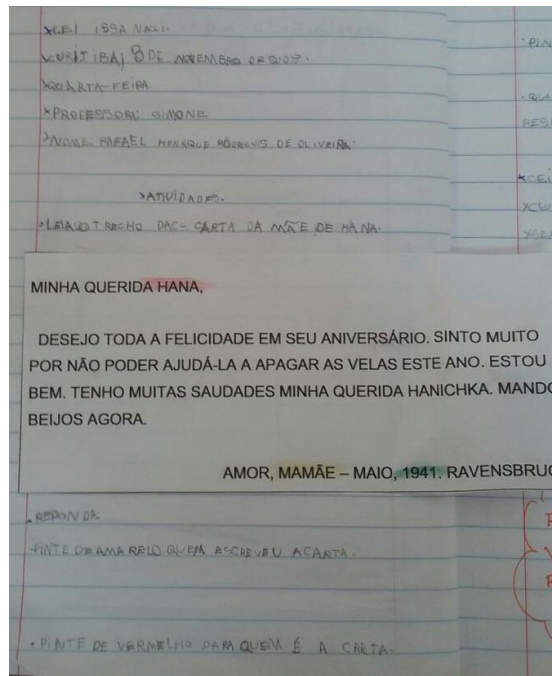
O principal propósito foi sensibilizar os estudantes para o massacre dos judeus na Segunda Guerra, mas como ensina Andruetto<sup>XXIV</sup> “a literatura como instrumento educativo, moral, social, político é algo que remonta ao início dos tempos” e acrescenta, “nas origens, a literatura infantil era serva da pedagogia e da didática”, questão ainda enraizada na formação escolar e evidenciada nos cadernos dos estudantes. Há nos cadernos trechos dos livros sobre o Holocausto utilizados para a criação de atividades ligadas aos conteúdos de várias disciplinas, como, por exemplo, em Matemática realizaram um levantamento sobre as preferências de leitura dos estudantes e elaboraram um gráfico organizando as informações, em Língua Portuguesa, a carta da mãe de Hana enseja perguntas que não demandam nenhum esforço interpretativo: Quem escreveu a carta? Para quem é a carta? (Figura 4)

A LITERATURA COMO RECURSO NO TRABALHO COM A HISTÓRIA DO HOLOCAUSTO  
NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

RAMOS, L. F.

DALLA-BONA, E. M.

**Figura 4.** Trecho do livro *A Mala de Hana* utilizado para trabalhar atividades de língua portuguesa



**Fonte:** caderno de aluno arquivado pela professora, 2017.

Transcrição:

Pinte de amarelo quem escreveu a carta.

Pinte de vermelho para quem é a carta.

Por outro lado, em muitas situações, romperam com a subordinação da literatura à pedagogia, por exemplo, ao trabalharem com obras literárias que trazem o relato de pessoas que precisaram partir rapidamente, podendo levar apenas alguns pertences numa mala, como no caso das obras *Nenhum peixe aonde ir*<sup>XXV</sup>, *Anne Frank*<sup>XXVI</sup>, *A mala de Hana uma história real*<sup>XXVII</sup>, os alunos foram levados a refletir o que colocariam em uma mala se tivessem que partir para um local desconhecido. Cada um trouxe para a escola algo que julgava importante levar na “viagem” (na Figura 5 vemos um exemplo) e, numa roda de conversa (Figura 6), justificavam suas escolhas contando um pouco da história do objeto.

**Figura 5.** Objetos trazidos pelos estudantes e o registro do depoimento de uma delas.



**Fonte:** arquivo pessoal da professora, 2017.

## A LITERATURA COMO RECURSO NO TRABALHO COM A HISTÓRIA DO HOLOCAUSTO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

RAMOS, L. F.

DALLA-BONA, E. M.

Transcrição: Eu levaria meu cachorro de pelúcia porque ganhei ele da minha mãe. Quando minha cachorrinha morreu.

**Figura 6.** Roda de conversa



**Fonte:** arquivo pessoal da professora, 2017.

O propósito de provocar a empatia a partir da literatura foi analisado por Michèle Petit<sup>XXVIII</sup>. São claros o mérito e a necessidade de a educação das crianças despertar-lhes a compreensão emocional e a identificação com outras pessoas, mas quando isso ocorre por meio do trabalho escolar com a literatura, a autora alerta para o risco deste propósito servir de justificativa para atribuir utilidade à formação do leitor literário. A autora advoga a necessidade de a educação criar as condições para “formar homens e mulheres dotados das capacidades críticas e empáticas necessárias ao exercício de sua cidadania”<sup>XXIX</sup> e cita Nussbaum para defender que “a literatura e a arte são particularmente adequadas para desenvolver a faculdade da empatia, o respeito, a compaixão, e também para nos deixar menos sujeitos ao medo e à agressividade.”<sup>XXX</sup> Mas Petit entende não ser suficiente propiciar a leitura literária aos estudantes para promover a empatia, é preciso oportunizar o debate em pequenos e grandes grupos, saber ouvir a opinião alheia, construir argumentos, elaborar e reelaborar as suas próprias ideias, mas esse processo carece de tempo, de amadurecimento, portanto impossível de ser desenvolvido de forma aligeirada.

Na experiência relatada com os estudantes do 1º ano, parece que a intenção não foi a de fazer um uso utilitarista da literatura, mas criar as condições para que de fato se colocassem no lugar do outro, vivenciassem sentimentos e emoções para não serem indiferentes às experiências vividas por outras pessoas. Confirma-se a importância da literatura defendida por Antonio Candido<sup>XXXI</sup>, “talvez não haja equilíbrio social sem a literatura [...] ela é fator indispensável de humanização [...]”<sup>XXXII</sup> e o autor explica que esta humanização “confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo [...] a capacidade de penetrar nos problemas da vida, a percepção da complexidade do mundo e dos seres [...]”<sup>XXXIII</sup>, assim a literatura nos torna, entre outras coisas, mais abertos à sociedade e aos demais seres humanos. O autor enfatiza que a literatura “comunica-se ao nosso espírito e o

## A LITERATURA COMO RECURSO NO TRABALHO COM A HISTÓRIA DO HOLOCAUSTO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

RAMOS, L. F.

DALLA-BONA, E. M.

leva, primeiro, a se organizar; em seguida, a organizar o mundo.”<sup>xxxiv</sup>. Dessa forma, conclui-se que um trabalho de EDH não pode prescindir da leitura literária.

### **Linhas, agulhas e retalhos de tecidos (des)tecem o trabalho infantil no gueto.**

Em 2019, outro trabalho trouxe o Holocausto como tema gerador para, a partir da situação de crianças que precisavam trabalhar nos guetos, discutir a questão do trabalho infantil nos dias de hoje na realidade brasileira. Como ponto de partida para introdução da questão do trabalho infantil no gueto de Lodz, uma das professoras entregou linha, agulha, retalhos de tecido e moldes para que os alunos dos 3º anos (idades entre 8 e 9 anos) costurassem roupas de bonecas. Nessa atividade, a professora não deu qualquer orientação sobre costura e apenas lembrou-os que haveria “punição” para os grupos que não concluíssem a atividade. Ao final, em uma roda de conversa, puderam expor a insegurança, o medo, as dificuldades que sentiram durante a atividade e refletir sobre as condições do trabalho infantil no gueto.

**Figura 9.** Alunos costurando de acordo com o molde



**Fonte:** arquivo da professora, 2019.

Em seguida, a professora leu para eles a tradução que fez de *La Leyenda de los niños del Gueto de Lodz*<sup>xxxv</sup>. A lenda foi escrita por criança confinada naquele gueto, ela não podia tornar explícita aos olhos dos nazistas a denúncia do que lá acontecia, assim relata de forma simbólica a sua realidade de trabalho forçado. A lenda consta no Manual do professor da Escuela Internacional para el Estudio del Holocausto, que contém alguns esclarecimentos:

A história é apresentada em forma de fábula. Ao escolher esse estilo, o autor pode ter tentado preservar o mundo das crianças da miséria e da fome. A realidade da vida no gueto está entrelaçada na lenda, e as linhas entre os dois são ocasionalmente borradas. A Lenda tem um nível aberto - uma história que representa as vidas das crianças - e um subtexto que expressa os sentimentos terríveis que seria melhor não serem expressos abertamente. Aparentemente, essa forma de apresentação foi escolhida devido à necessidade de aplacar as autoridades do gueto.<sup>xxxvi</sup>

A LITERATURA COMO RECURSO NO TRABALHO COM A HISTÓRIA DO HOLOCAUSTO  
NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

RAMOS, L. F.

DALLA-BONA, E. M.

Algumas metáforas na lenda falam do príncipe se referindo ao presidente do conselho judaico do gueto de Lodz, Mordechai Chaim Rumkowski; do suntuoso palácio referindo-se ao próprio gueto; do embate da máquina de costura, do carretel, da tesoura e da agulha com as crianças numa clara referência ao fato das crianças não saberem costurar, mas terem que se submeter a isso nas oficinas para se manterem vivas por mais tempo, conforme mostra um trecho do texto traduzido pela professora:

Esta é a lenda de um príncipe em um país encantado  
E dos momentos felizes que cruzaram o caminho de três gerações  
Durante invernos, primaveras, verões e outonos  
Apesar da miséria e da fome.  
Em um suntuoso palácio, cercado por seu povo,  
governa um rei todo-poderoso, o melhor e mais valioso.  
Entre moinhos e pontes, seu longo braço se estende...  
E sua mensagem de abundância se estende além do sétimo  
Continente[...]

Uma pequena agulha e na lapela um pequeno rasgo,  
Um carretel com um pé muito pequeno,  
E tesouras que pulam e choram amargamente,  
Eles estão nos enganando, eles estão nos enganando!  
O carretel toma a dianteira,  
De trás vem a máquina de costura, muito brava, furiosa.  
O banquinho ao lado dela, muito deprimido.  
Todos com impotência nos olhos:  
“Que destino é o nosso. Eles não enviaram as crianças.”  
Chegou a hora do conflito.  
"Todo mundo para a sala pequena", diz o carretel.  
“Aqui eles nos deram um lugar”  
É assim que ele diz com muita confiança, decisão.  
As crianças em massa chegam ao local,  
correndo para a máquina de costura.  
Uma longa fila, cheia de incerteza e tensão;  
O primeiro dia de trabalho está prestes a começar.  
A menina suando frio  
Ela procura ajuda - não há, ela está sozinha com sua dor [...] <sup>XXXVII</sup>

A presença de seres inanimados ligados à costura também faz referência às próprias crianças, uma vez que a máquina de costura, o carretel, a agulha e a tesoura trazem expresso em suas feições os sentimentos proibidos de serem demonstrados pelas crianças. Dessa forma, os equipamentos de costura, que representavam a chave para sobrevivência das crianças, simbolizavam a dor, já que para elas era proibido choramingar, soluçar, se enfurecer e muito menos desanimar diante do desconhecido.

O projeto, que partiu do contexto de trabalho das crianças no gueto de Lodz para discutir a questão do trabalho infantil no Brasil nos dias de hoje, desenvolveu-se em caráter de intercâmbio com a *Ort Greenberg Kyiat Tivon School*, uma escola israelense próxima a Haifa. Num primeiro momento, por ocasião do *Yom HaShoah* (feriado nacional de Israel, dedicado à lembrança das vítimas do Holocausto), a escola israelense enviou uma produção artística de seus alunos para compor o mural que estaria presente nas atividades celebrativas desse dia na escola Issa Nacli, conforme retrata a Figura 11.

A LITERATURA COMO RECURSO NO TRABALHO COM A HISTÓRIA DO HOLOCAUSTO  
NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

RAMOS, L. F.

DALLA-BONA, E. M.

**Figura 11.** Mural com desenhos dos alunos da escola Ort Greenberg



Fonte: arquivo pessoal da professora, 2019.

Ao final do projeto, foram enviados para a escola de Haifa desenhos sobre tecido (algodão cru), com colagens de retalhos, nos quais os alunos brasileiros retratavam a dualidade entre os direitos das crianças e as situações cotidianas que os infringem, conforme pode ser verificado na Figura 12. As composições traziam elementos que remetiam a questão do trabalho relacionado à costura realizado no gueto de Lodz.

**Figura 12.** Produção artística composta pelos estudantes retratando um direito da criança e uma situação que o infringe.



Fonte: arquivo pessoal da professora, 2019

Transcrição:

Cinco crianças morrem no mundo a cada minuto por desnutrição.

A criança terá direito a alimentação, recreação e assistência médica.

## A LITERATURA COMO RECURSO NO TRABALHO COM A HISTÓRIA DO HOLOCAUSTO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

RAMOS, L. F.

DALLA-BONA, E. M.

Muitas outras atividades foram desencadeadas dentro desse projeto para atender à demanda dos estudantes que se mostravam cada dia mais envolvidos com o tema. Para algumas delas foi necessário estabelecer parcerias com outras professoras da escola e de fora dela. Dentre essas atividades, destaca-se a produção de uma cena teatral em que, a partir do jogo dramático, os alunos construíram um enredo que mesclava recortes de fatos ocorridos com crianças durante o Holocausto e situações vividas por crianças no Brasil noticiadas na mídia. A orientação da atividade ficou por conta da professora responsável pelas oficinas de teatro na escola, que dirigiu a cena e, junto com os estudantes, construiu o roteiro. Além disso, outras duas professoras de língua e cultura hebraica que não trabalhavam na escola, desenvolveram oficinas com as crianças para ajudá-los a compreender melhor a pronúncia e o significado das palavras da canção que utilizariam na cena teatral, bem como a origem e o significado do Shabat, dia de descanso para o povo judeu que aparece referenciado em algumas das literaturas trabalhadas com as crianças e que também estava presente no roteiro da cena.

Conforme representado na Figura 13, a atividade teatral foi apresentada na Mostra de Artes promovida pela prefeitura da cidade de Curitiba e que expôs produções artísticas de escolas municipais, e também na Olimpíada de Filosofia promovida pela Universidade Federal do Paraná.

**Figura 13.** Apresentação da cena teatral



**Fonte:** arquivo pessoal da professora, 2019.

A performance como prática educativa responde ao “imperativo de ativar sujeitos capazes de encetar novas formas de posicionamento, de compreensão do todo, do coletivo, sujeitos ciosos pela recuperação genuína do laço social, ciosos pela atualização constante dos acordos, das formas de ser e agir em meio à coletividade.”<sup>XXXVIII</sup> A performance como “ação educativa pode concorrer para a consolidação de uma prática pedagógica genuinamente crítica e de resistência”<sup>XXXIX</sup>, de interrogação da história, da cultura, da organização social. “Há certamente, aqui, de forma criptografada, um germen político semeado, isso porque tal reconsideração pode permitir a inauguração de uma nova ordem sócio-histórico-cultural mais elástica, mais abrangente, mais tolerante às diferenças, às singularidades.”<sup>XL</sup> As reflexões de Pereira sintetizam o que de fato ocorreu na atividade teatral, que aguçou nos estudantes e seus espectadores o questionamento sobre os interesses políticos e ideológicos que ensejaram ceifar a infância de crianças, de um lado pelo simples fato de pertencerem a famílias judias,

## A LITERATURA COMO RECURSO NO TRABALHO COM A HISTÓRIA DO HOLOCAUSTO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

RAMOS, L. F.

DALLA-BONA, E. M.

de outro por viverem num país (Brasil) que até hoje não conseguiu extinguir o trabalho infantil.

A prática pedagógica ora relatada congrega a possibilidade de os estudantes desenvolverem empatia, a internalização de valores, a elaboração de emoções, o pensamento crítico sobre o trabalho infantil, de se sensibilizarem com a literatura e a realização das atividades artísticas, de beneficiarem-se das parcerias entre professoras da escola em que estudam e externas a ela, além da cooperação com estudantes de outro país e ainda de serem valorizados pela repercussão das atividades em nível municipal.

### Considerações Finais

O que se viu neste trabalho foi a função original que a literatura exerce, que, segundo Saraiva e Mügge<sup>XLI</sup>, é a de indicar caminhos para um convívio mais humano e fraterno entre os indivíduos, dar respostas a dilemas humanos, integrar culturas, aprimorar o senso estético, promover a reflexão crítica sobre circunstâncias históricas. “Por isso é que nas nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação [...]. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas.”<sup>XLII</sup>

O Holocausto é um tema árduo e delicado, mas que foi enfrentado pelas professoras sem simplificações para torná-lo palatável aos estudantes em início de escolarização. Apostaram na capacidade dos jovens estudantes de refletirem e produzirem conhecimento sobre a história alheia, e sobre os impactos que esta conscientização tem sobre a construção de sua própria história.

O que se viu nesse trabalho foi um debruçar das professoras sobre um tema que, mesmo ausente do currículo dos anos iniciais, possibilita a discussão e reflexão das questões previstas para uma efetiva EDH. Um trabalho que exigiu pesquisa e muita leitura das proponentes para encontrar caminhos capazes de uma adequação do tema para as crianças e que encontrou na literatura um importante instrumento para sensibilizar, informar e provocar discussões relacionadas ao Holocausto. Mas para além dele, também a literatura contribuiu para despertar a empatia e a alteridade necessárias para que os estudantes refletissem acerca de sua própria realidade suscitando a possibilidade de um reconhecimento do e no outro.

Dessa forma, fica a certeza de que até os mais novos estudantes são capazes de se apropriarem de uma temática “difícil” e torná-la significativa em suas discussões e reflexões desde que com adequações que considerem o público em questão. Logo, o que fica patente é que com bons projetos pedagógicos viabilizados com práticas pedagógicas comprometidas pode-se ensinar qualquer temática, mostrando que a questão não é o que se ensina, mas como se ensina.



A LITERATURA COMO RECURSO NO TRABALHO COM A HISTÓRIA DO HOLOCAUSTO  
NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

RAMOS, L. F.

DALLA-BONA, E. M.

### Notas

<sup>I</sup> Luzilete Falavinha Ramos formada em Arte Educação pela Faculdade de Artes do Paraná, mestra em Educação na Universidade Federal do Paraná, professora dos anos iniciais na Rede Municipal de Ensino de Curitiba, colaboradora no Departamento Pedagógico do Museu do Holocausto de Curitiba.

<sup>II</sup> Elisa Maria Dalla-Bona, formada em Pedagogia, mestre, doutora e pós-doutora em educação, professora do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná onde atua no curso de graduação em Pedagogia e no Programa de Pós-graduação em Educação.

<sup>III</sup> (Conselho Nacional de Educação, Resolução nº 1, 30/5/2012)

<sup>IV</sup> Currículo do Ensino Fundamental de Curitiba, 2016.

<sup>V</sup> Saraiva e Mügge (2006)

<sup>VI</sup> (POTOK, 1993)

<sup>VII</sup> (LEVINE, 2007, p. 70)

<sup>VIII</sup> (LEVINE, 2007)

<sup>IX</sup> (Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P9V6d2Y1WjE> )

<sup>X</sup> (LEVINE, 2007, p. 77)

<sup>XI</sup> (LEVINE, 2007, p. 68)

<sup>XII</sup> Petit (2019)

<sup>XIII</sup> (PETIT, 2019, p. 62)

<sup>XIV</sup> (PETIT, 2019, p. 55)

<sup>XV</sup> Michèle Petit (2019)

<sup>XVI</sup> (PETIT, 2019, p. 56)

<sup>XVII</sup> (TSIMBIDY, 2008)

<sup>XVIII</sup> Cooper (2012)

<sup>XIX</sup> Maciel (2016)

<sup>XX</sup> (SELIGMANN-SILVA, 2003)

<sup>XXI</sup> Schurster e Leite (2018)

<sup>XXII</sup> (SCHURSTER; LEITE, 2018, p. 9)

<sup>XXIII</sup> (SCHURSTER; LEITE, 2018, p. 9)

<sup>XXIV</sup> Andruetto (2012, p. 114)

<sup>XXV</sup> (HÉBERT, 2006)

<sup>XXVI</sup> (POOLE; BARRETT, 2005)

<sup>XXVII</sup> (LEVINE, 2007)

<sup>XXVIII</sup> Michèle Petit (2019)

<sup>XXIX</sup> (PETIT, 2019, p. 56-57)

<sup>XXX</sup> (PETIT, 2019, p. 57)

<sup>XXXI</sup> Antonio Candido (2011)

<sup>XXXII</sup> (CANDIDO, 2011, p. 177)

<sup>XXXIII</sup> (CANDIDO, 2011, p. 182)

<sup>XXXIV</sup> (CANDIDO, 2011, p. 179)

<sup>XXXV</sup> Esta lenda é de autor desconhecido, que esteve no campo de extermínio de Chelmino. Ela consta no Manual do professor da Escuela Internacional para el Estudio del Holocausto, uma publicação compilada por Carmit Sagie e Naomi Morgenstern, em 2008.

<sup>XXXVI</sup> Trecho do Manual do professor da Escuela Internacional para el Estudio del Holocausto, uma publicação compilada por Carmit Sagie e Naomi Morgenstern, em 2008.

<sup>XXXVII</sup> Trecho traduzido pela professora do texto *La Leyenda de los niños del Gueto de Lodz*.

<sup>XXXVIII</sup> (PEREIRA, 2012, p. 308)

<sup>XXXIX</sup> (PEREIRA, 2012, p. 305)

<sup>XL</sup> (PEREIRA, 2012, p. 306)

<sup>XLI</sup> Saraiva e Mügge (2006)

<sup>XLII</sup> (CANDIDO, 2011, p. 177)

A LITERATURA COMO RECURSO NO TRABALHO COM A HISTÓRIA DO HOLOCAUSTO  
NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

RAMOS, L. F.

DALLA-BONA, E. M.

---

### Referências

ANDRUETTO, Maria Teresa. **Por uma literatura sem adjetivos**. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

CURITIBA. **Currículo do ensino fundamental 1º ao 9º ano**. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 2016. Disponível em: [http://multimidia.cidadedoconhecimento.org.br/CidadeDoConhecimento/lateral\\_esquerda/menu/downloads/arquivos/10348/download10348.pdf](http://multimidia.cidadedoconhecimento.org.br/CidadeDoConhecimento/lateral_esquerda/menu/downloads/arquivos/10348/download10348.pdf). Acesso em: 2 fev. 2022.

COOPER, Hilary. **Ensino de história na educação infantil e anos iniciais**: um guia para professores. Tradução Rita de Cássia K. Jankowski, Maria Auxiliadora Schimdt e Marcelo Fronza. Curitiba: Base Editorial, 2012.

HÉBERT, Marie-Francine. **Nenhum peixe aonde ir**. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. São Paulo: Edições SM, 2006.

LEVINE, Karen. **A mala de Hana uma história real**. Tradução Renata Siqueira Tufano. São Paulo: Melhoramentos, 2007.

MACIEL, Carolina Pina Rodrigues. Literatura de testemunho: leituras comparadas de Primo Levi, Anne Frank, Immaculée Ilibagiza e Michel Laub. **Opiniões**. Revista dos alunos do Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo. São Paulo, n. 09, p. 74-80, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/124618/121143>. Acesso em: 25 fev. 2022.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Resolução nº 1, de 30 de maio de 2012. Estabelece as diretrizes nacionais para a educação em direitos humanos. Brasília, mai. 2012. Legislação Federal. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rcp001\\_12.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rcp001_12.pdf). Acesso em: 25 fev. 2022.

PETIT, Michèle. **Ler o mundo**. Experiências de transmissão cultural nos dias de hoje. São Paulo: Editora 34, 2019.

POTOK, Chaim. **I never saw another butterfly**: Children's Drawings and Poems from Terezin Concentration Camp 1942-1944. New York: Schocken Books, 1993.

POOLE, Josephine; BARRETT, Angela. **Anne Frank**. Tradução Marcelo Pen. São Paulo: Edições SM, 2005.

SARAIVA, Juracy Assmann; MÜGGE, Ernani et all. **Literatura na escola**. Propostas para o ensino fundamental. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). **História, memória, literatura**: o testemunho na era das catástrofes. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

A LITERATURA COMO RECURSO NO TRABALHO COM A HISTÓRIA DO HOLOCAUSTO  
NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

RAMOS, L. F.

DALLA-BONA, E. M.

---

SCHURSTER, Karl; LEITE, Alana de Moraes. Material de ensino e traumas coletivos: uma análise sobre o holocausto. **Cadernos do Tempo Presente**, São Cristóvão-SE, v. 09, n. 02, p. 03-16, jul./dez., 2018.

TSIMBIDY, Myriam. **Enseigner la littérature de jeunesse**. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail, 2008.

SAGIE, Carmit; MORGENSTERN, Naomi (Comps.). **La leyenda de los niños del gueto de Lodz**. Manual del maestro. Jerusalém, Israel: Yad Vashem, 2008.

PEREIRA, Marcelo de Andrade. Performance e educação: relações, significados e contextos de investigação. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v. 28, n. 01, p. 289-312, mar. 2012. Disponível em <https://www.scielo.br/j/edur/a/G63zF4vRYgGxySJnxDmwYrk/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 21 fev. 2022.